



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES(BHU)

MILCA DA CONCEIÇÃO ISSENGUELE

*A DEPRESSÃO NO CONTEXTO ANGOLANO E SUAS VISIBILIDADES NA REDE SOCIAL
DIGITAL FACEBOOK ENTRE OS ANOS DE 2019 A 2025*

REDENÇÃO- CE

2025

MILCA DA CONCEIÇÃO ISSENGUELE

*A DEPRESSÃO NO CONTEXTO ANGOLANO E SUAS VISIBILIDADES NA REDE SOCIAL
DIGITAL FACEBOOK ENTRE OS ANOS DE 2019 A 2025*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Bacharelado
Interdisciplinar em Humanidades, do Instituto de
Humanidades da Universidade da Integração
Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira, como
requisito parcial para a obtenção do Título de
Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jon A M Cavalcante.

REDENÇÃO- CE

2025

A Jeová.

Aos meus pais, Sebastião Issenguele e Suzana Issenguele, aos meus irmãos, toda família em geral, aos meus amigos e colegas, dedico este trabalho.

RESUMO

Este projeto de pesquisa, como Trabalho de Conclusão de Curso no Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, tem como problema, de que modo a depressão em Angola é visibilizada na rede social digital facebook em páginas angolanas que divulgam conteúdos sobre essa temática entre os anos de 2019 a 2025?. Vou trazer na discussão teórica a pesquisa feita por Jorge Chaves em 2015 que fala sobre consequências psicológicas da guerra em Angola e a pesquisa de Flávia Moura e Araújo com o tema práticas comunicativas, mídias e tecnologias: estudos cruzados entre Brasil e Angola, feita em 2021. Para alcançar os meus objetivos tanto geral como específicos, hei de utilizar duas metodologias de pesquisas qualitativas que são: Netnográfica e Hermenêutica de Profundidade. As páginas que vão ser o ponto de partida para a futura análise são: Jornal OPAIS, Foco Saúde, Portal Viana e Angola 24 Horas.

Palavras-chave: Depressão; Redes Sociais Digitais; Angola; Facebook.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	OBJETIVOS	08
3	JUSTIFICATIVA	09
3.1	Motivação Pessoal.....	09
3.2	Relevância Social	10
3.3	Contribuição para a formação acadêmica, profissional e humana.....	12
4	DISCUSSÃO TEÓRICA	14
4.1	Sobre a depressão, um olhar multidimensional.....	14
4.2	Aspectos históricos e sociais sobre Angola e a incidência da depressão.....	19
4.3	As Redes Sociais Digitais em Angola e a Depressão.....	24
5	METODOLOGIA	29
6	CRONOGRAMA	32
	REFERÊNCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

Angola é um país do continente africano, encontra-se localizado na África Austral, tem uma extensão territorial de 1.246.700 Km² (um milhão, duzentos e quarenta e seis mil e setecentos quilômetros quadrados). Atualmente, tem 21 províncias (vinte e uma), sendo Luanda a capital e a língua oficial é o português.

Pretendo neste projeto analisar sobre a temática depressão no contexto angolano, mais especificamente, como ela é abordada nas redes sociais digitais. Em publicações feitas no facebook com essa temática, por meios de comentários feitos, saberei quais são as opiniões e como os angolanos se relacionam com esse assunto.

O meu problema de pesquisa, portanto, é de que modo a depressão em Angola é visibilizada na rede social digital facebook em páginas angolanas que divulgam conteúdos sobre essa temática entre os anos de 2019 a 2025?

O tema surgiu porque ao longo do tempo, notei que ele é mencionado em alguns conteúdos nas redes sociais digitais em Angola, embora, a depressão seja uma realidade nessa sociedade. Dessa maneira, este assunto deve ser observado com atenção, para analisarmos como na rede social facebook ele é retratado, o que é dito sobre esse tema no país. E para que possamos perceber os conteúdos, os discursos sobre a depressão nesse espaço virtual Existem estereótipos sobre esse tema nas redes sociais? É abordado como algo sem importância ou um exagero? Ou sim, como um transtorno psíquico que merece o devido acompanhamento de profissionais de saúde e de políticas públicas em saúde mental? A depressão, segundo a Organização Mundial da Saúde (2023)¹ é:

um transtorno mental comum. Envolve humor deprimido ou perda de prazer ou interesse em atividades por longos períodos. A depressão é diferente das mudanças normais de humor e dos sentimentos em relação à vida cotidiana. Ela pode afetar todos os aspectos da vida, incluindo os relacionamentos com a família, os amigos e a comunidade. Pode resultar ou levar a problemas na escola e no trabalho. A depressão pode afetar qualquer pessoa. Pessoas que sofreram abusos, perdas graves ou outros eventos estressantes têm maior probabilidade de desenvolver depressão.

¹ Link do site: Depressão - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde.

Segundo a consulta feita por mim no site da Organização Mundial da Saúde - Angola, uma matéria de 19 de junho de 2019 diz que: “Dados do Ministério de Saúde apontam que, em Angola, em 2018, foram registados 31.619 mil casos de pessoas afetadas com transtornos mentais, que incluem depressão, transtorno afetivo bipolar, esquizofrenia, demência, deficiência intelectual e transtorno de desenvolvimento”.

Na justificativa, primeiramente, vou falar sobre a minha motivação pessoal para escrever este trabalho, a seguir a relevância social e por último contribuição para a formação académica, profissional e humana. É essencial falarmos sobre esse problema de pesquisa porque a depressão tem afetado muitas pessoas em Angola.

A presença das mídias digitais ou redes sociais digitais em Angola fazem parte da vida cotidiana principalmente nas zonas urbanas, onde é comum o uso do facebook, whatsapp, tik tok, youtube, essas redes são usadas para comunicação, meios de divulgações de negócios, atualizações de informações, notícias, visto que há uma privatização estatal dos meios de comunicação e para debater sobre temas importantes.

Na discussão teórica, vou começar por apresentar aspectos teóricos e sociais sobre a depressão e sua incidência em Angola. Para isso, realizei um diálogo com a pesquisa de Jorge Chaves.... E com o artigo, Saúde Mental: um estudo sobre transtorno de stress pós-traumático, ansiedade e depressão nas zonas rurais e urbanas do Sul de Angola, escrito por Margarida Ventura e Jorge Chaves. E, em um último tópico, irei refletir acerca das redes sociais digitais em Angola e trazer, de modo preliminar, aspectos relacionados à depressão nessas redes. Esse projeto vai ser uma contribuição literária e académica, pois em Angola há uma necessidade de mais pesquisas sobre depressão e como ela é visibilizada nas mídias digitais.

A metodologia que usarei para a análise do modo como a depressão em Angola é retratada na rede social digital facebook será a netnográfica, como forma de observação dos espaços sociais virtuais onde o tema depressão é abordado. E a Hermenêutica de Profundidade (HP), referencial teórico-metodológico proposto por John B. Thompson, que irá contribuir para a alcançar aspectos dos objetivos específicos da análise e interpretação dos conteúdos. E vou começar essa pesquisa através da análise de textos jornalísticos ou de portais que trazem experiências relacionadas à depressão já encontrados, neste período de escrita do projeto, nas seguintes páginas: Jornal OPAIS, Foco Saúde, Portal Viana e Angola 24 Horas.

2 OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar de que modo a depressão em Angola é visibilizada na rede social digital facebook em páginas angolanas que partilham conteúdos sobre essa temática entre os anos de 2019 e 2025.

Objetivos Específicos

Descrever os conteúdos acerca da depressão em Angola que são divulgados no facebook nesse intervalo de tempo;

Conhecer semelhanças e diferenças no modo de retratar a temática da depressão em Angola nessa rede social digital;

Identificar as experiências sociais relacionadas à depressão em Angola nesses conteúdos do facebook;

Verificar se há estereótipos em relação à depressão em Angola presentes nesses conteúdos digitais.

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Motivação Pessoal

Irei abordar sobre o porquê da escolha da temática, depressão no contexto Angolano, como essa questão é abordada na rede social digital facebook. Foi muito relevante, especial e pessoal para mim a escolha da temática, visto que tive atendimentos psiquiátricos em Luanda desde os meus quatorze anos (14) de idade, isto foi a partir do ano de 2013, quando fui diagnosticada com Malária e com o passar do tempo, o meu quadro clínico foi piorando, pois surgiram outros diagnósticos entre os quais o de Depressão em 2015.

Nesse tempo fui cumprindo com as orientações médicas da psiquiatria e psicologia, seguindo as medicações rigorosamente. Até que em Outubro de 2019, por vontade própria, tomei uma importante decisão em minha vida, que foi, deixar de seguir a indicação dos remédios psiquiátricos e parar de frequentar as consultas psiquiátricas em Luanda. Porque, apesar das consultas de rotina, uma vez por mês, não percebia uma melhoria com as medicações que ingeria. Além disso, elas provocavam vários efeitos colaterais, pensamentos negativos, ansiedade e problemas de visão, pois até os dias de hoje, por esse motivo uso óculos.

Depois, tive a iniciativa de procurar um psicólogo particular e, depois de várias sessões terapêuticas, passei a sentir-me mais razoável, menos ansiosa. A minha experiência, não é uma conclusão de que a pessoa não deve buscar ajuda com profissionais de saúde mental ou que deve procurar apenas quando estiver em estado crítico, mas um incentivo para que as pessoas tenham um acompanhamento profissional quando sentirem os sintomas iniciais de depressão ou de outra questão emocional, a fim de prevenir ou começar o processo terapêutico o mais cedo possível. E quanto melhor e precoce o diagnóstico, mais eficaz será o tratamento.

Escrever acerca da depressão, deixa-me tranquila e mais aliviada emocionalmente porque além de contribuir para a área acadêmica, esse projeto de pesquisa pode servir de ajuda para pacientes com depressão e para familiares de pessoas com esse diagnóstico em Angola.

Abri a minha conta no facebook em 2014, sempre utilizei como um meio de comunicação enquanto estava em Angola e atualmente no exterior uso com mais regularidade para continuar a manter contato com familiares e amigos. Além disso, o facebook é um lugar onde acompanho notícias, debates, negócios, entretenimentos não só nas páginas ou portais angolanos. As redes

sociais em Angola são mais acessadas nas zonas urbanas em relação às zonas rurais. É comum encontrar notícias de famosos, matérias sobre assuntos criminais e sobre a situação política do país.

3.2 Relevância Social

As informações sobre a depressão ou questões de saúde mental em Angola podem ser acessadas, percebidas em diferentes espaços de mídias digitais que apontam para ações, políticas públicas em construção e inclusive relações de órgãos do país com instituições internacionais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS). O trecho abaixo encontra-se no site Angola OMS e é uma matéria escrita por João Carlos Domingo em 22 de agosto de 2024:

Em Angola, a saúde mental está integrada no programa de saúde pública. De acordo com a Dra. Massoxi Vigário, coordenadora do Programa de Saúde Mental do Ministério da Saúde, foi criada uma rede integrada de serviços de saúde mental em 6 províncias entre 2013-2018 para fornecer cuidados desde o nível primário até o terciário, e de 2013 para 2024 o número de unidades com serviços de saúde mental aumentou de 184 para 202, abrangendo todo o país. Por sua vez, Dra Fernanda Alves, Especialista de Doenças Transmissíveis e não Transmissíveis da OMS em Angola, disse que promover a saúde mental é uma responsabilidade colectiva de governos, comunidades e indivíduos, que conduzem a construção de sociedades mais justas e inclusivas. Enfatizando ser “fundamental fornecer serviços de saúde mental e assistência social que sejam completos, integrados e adaptados às necessidades no contexto comunitário”.

Atualmente Angola possui vinte e uma (21) províncias e o programa de saúde mental que é uma política pública foi criada apenas em seis (6), poucas pessoas se beneficiarão deste programa porque não vão poder atender todas demandas que o país tem apresentado ultimamente que são vários casos de transtornos mentais que têm impactado a sociedade angolana.

Sobre Angola, identificamos também outras matérias jornalísticas veiculadas em mídias digitais que apontam para o sofrimento psíquico no país. Um exemplo disso, é a notícia no site VOA Português, escrita por Venâncio Rodrigues e divulgada em 27 de fevereiro de 2025, que aborda o seguinte:

Um levantamento feito recentemente pelo Departamento de Saúde Mental e Abuso de Substâncias de Luanda concluiu que as mulheres compõem o maior número de pacientes atendidos, em 2024, com transtornos mentais. As patologias mais diagnosticadas foram a ansiedade, a depressão e o estresse sendo que o grupo etário dos 25 aos 49 anos está no topo das ocorrências, com 12.868 casos. De acordo com o estudo, de um total de 26.990 pacientes assistidos e diagnosticados com diferentes patologias de fórum psiquiátrico e psicológico, 19.620 são de sexo feminino, o que representa o dobro do número de utentes do sexo masculino, com 7.370 casos.

Este levantamento proporciona uma visibilidade a essa temática e mostra que as mulheres, estão mais propensas aos transtornos mentais, é necessário ter mais atenção com elas. O abuso de substâncias ilícitas, não é recomendável porque está na lista das causas dos transtornos mentais, o aconselhável é não fazer uso de substâncias ilícitas para não desencadear nenhum problema.

Encontrei também em sites de Angola a temática da depressão em conteúdos jornalísticos divulgados, ao mesmo tempo, em formato de site e de rede social digital - em especial o facebook. É o exemplo das matérias de agosto de 2024 no JORNAL OPAÍS, escrita por Stélvia Faria, e no Foco Saúde, produzida por Huberto Francisco, como é possível observar nos trechos abaixo:

Em Angola, mais de duzentas mil pessoas sofrem de doenças mentais e cada vez mais se assiste ocorrências associadas ao abuso de substâncias toxicodependentes, sendo a faixa dos 24 aos 49 anos de idade a mais afectada com transtornos mentais, segundo a coordenadora nacional de Saúde Mental, Massoxi Vigário. A ansiedade, a depressão e a esquizofrenia são doenças do fórum mental que têm sido muito frequentes naquela faixa. Depois daquela faixa, estão os adolescentes entre os 15 e 24 anos, só depois a faixa etária mais adulta, entre os 50 e 60 anos, sendo que neste último os factores que mais concorrem são problemas familiares, financeiros e a pobreza (Faria, 2024).

Cerca de 200 mil pessoas em Angola sofrem de perturbações mentais, incluindo stress, ansiedade, depressão, epilepsia, doenças psicossomáticas e abuso de substâncias toxicodependentes. Esta preocupante realidade foi revelada na quinta-feira pela coordenadora nacional do Programa de Saúde Mental, Massoxi Vigário, durante o acto de apresentação de um concurso de artes dedicado à Saúde Mental. Segundo Massoxi Vigário, estes 200 mil pacientes fazem parte de um total de 377 mil indivíduos assistidos pelos serviços de saúde mental a nível nacional, desde 2020 até ao primeiro semestre deste ano. A coordenadora destacou que a faixa etária mais afectada por esses transtornos mentais abrange adultos entre 25 e 49 anos, seguidos por adolescentes entre 15 e 27 anos. Também foram registrados casos significativos entre indivíduos mais velhos, de 50 a 60 anos, e, em menor número, entre crianças (Francisco, 2024).

Os problemas familiares, financeiros e pobreza, são apontadas também como factores que contribuem para os transtornos mentais, indivíduos nessas situações têm pensamentos mais excessivos concernente ao amanhã, por exemplo, que vão comer, vestir e outros... O concurso de arte dedicado à saúde mental é uma boa iniciativa porque ajudam a relaxar e ajudam na concentração da pessoa com esses diagnósticos. Essa é uma temática que é noticiada e abordada nas mídias digitais e, desse modo, contribuem para formar a percepção social da população sobre a depressão.

Há estudos académicos já realizados sobre a depressão, como por exemplo: Consequência psicológicas da guerra em Angola, escrito por Jorge Chaves, abordagem da

depressão e da ansiedade por médicos em Luanda, escrito por Isabel Ferreira. São artigos como esse que irei basear-me no meu projeto de pesquisa.

Devido à necessidade de mais produções acadêmicas sobre os conteúdos digitais angolanos que falam sobre depressão, esse projeto de pesquisa, será uma contribuição reflexiva para a literatura acerca desse assunto em Angola.

As mídias digitais têm uma presença frequente no cotidiano dos angolanos principalmente o facebook, apesar de ser o mais acessível para busca de informações e notícias, não devemos descartar que também encontra-se várias notícias de desinformações que têm mais engajamentos que as notícias credíveis. Será que há muitos estereótipos e preconceitos nos comentários quando a temática é saúde mental ?

As páginas de notícias, com conteúdos mais jornalísticos, que serão o ponto de partida da análise são: Jornal OPAÍS, que tem cento e dez mil (110.000) seguidores. O Foco Saúde, tem três mil e novecentos (3.900) seguidores. Portal Viana, tem dezessete mil (17.000) seguidores e uma matéria que aborda o tema da depressão será analisada futuramente tem quinhentas e quarenta e quatro (544) reações, cento e cinquenta e um (151) comentários e quatrocentos e vinte (420) partilhas e a pagina Angola 24h, tem cento e quarenta e cinco mil (145.000) seguidores. Essas serão as realidades concretas que serão estudadas.

3.3 Contribuição para a formação acadêmica, profissional e humana.

Visto que, o Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades é de caráter social, então esse projeto de pesquisa, que terá como base analisar os conteúdos digitais que falam sobre a depressão, vai trazer a tona a importância de abordarmos mais sobre esse tema em meios digitais a fim de despertar mais a mente das pessoas e ver que a depressão não é uma frescura, mas sim, um problema de saúde mental e o paciente deve ter acompanhamento psicológico para não chegar a um estágio ou nível mais avançado e crítico.

As redes sociais digitais tornaram-se muito comuns nos dias de hoje e o uso excessivo também têm contribuído para os transtornos mentais porque alguns perdem noites de sono para ficar respondendo mensagens, ver se há uma reação nos seus postes. Por causa disso, desenvolvem uma ansiedade que depois pode ser clínica e elevar a depressão. Alguns países decidiram tomar medidas para prevenir a distração e a saúde mental dos alunos, como é o caso

do Brasil, que tem a Lei n 15.100/2025, que proíbe o uso de telemóvel na sala de aula no ensino infantil, fundamental e ensino médio, tanto nas escolas particulares como privadas.

Os preconceitos que os pacientes sofrem, ao invés de melhorar acabam piorando o seu quadro clínico, compreender essa influência é essencial para desenvolver intervenções eficazes que reduzam o estigma e incentivem o apoio familiar positivo. Este projeto buscará fornecer insights sobre as dinâmicas familiares que afetam o tratamento da depressão e propor meios para minimizar o preconceito. Com os resultados da futura pesquisa pretendo fortalecer o apoio da Psiquiatria de Luanda, promovendo um ambiente mais acolhedor para o tratamento de pacientes com depressão.

Como futura socióloga, pretendo trazer sugestões com os resultados que serão obtidos a partir dessa pesquisa para ajudar a suprir as demandas e as lacunas literais sobre depressão em Angola. Prover debates nas minhas redes sociais para abordar acerca dessa temática que tem afetado não só a sociedade angolana, mas sim, o mundo em geral.

4 DISCUSSÃO TEÓRICA

A discussão teórica está dividida em três partes: Sobre a depressão, um olhar multidimensional, aspectos históricos e sociais sobre Angola e a incidência da depressão e por último, sobre as Redes Sociais Digitais em Angola e a Depressão.

4.1 Sobre a depressão, um olhar multidimensional

Segundo Aldo Vannucchi e Ana Vannucchi (2012, p.169), “etimologicamente, a palavra ‘depressão’ é composta de um prefixo e um substantivo. O prefixo de’ indica movimento de cima para baixo, e ‘pressão’ vem do verbo latino ‘prêmere’ , que significa ‘premer’, apertar como um peso”.

A primeira vez que a palavra depressão foi utilizada remonta ao ano de 1750 por Samuel Johnson que associava este estado a espíritos baixos. Antes de 1700 a melancolia era associada às formas eróticas, religiosas, satânicas, nostálgicas e eruditas. Nesta altura a palavra depressão não fazia parte do vocabulário. O seu termo era mais incerto do que a própria doença. Os termos mais comuns eram melancolia, bîlis, vapores, nervos, e histeria, noções muito diferentes das atualmente utilizadas (Verztman, 1995 apud Chaves, 2015, p. 89).

Isso significa que, anteriormente, isto é, antes de 1750, não existia usualmente o conceito de depressão, porém não se referia a um fenómeno desconhecido, na verdade, eram usadas outras linguagens para denominar o sentido dessa experiência, a terminologia grega de “melancolia” teve forte difusão.

A concepção grega de melancolia derivava da teoria dos humores de Hipócrates, de acordo com o qual os distúrbios mentais estavam associados a um desequilíbrio em um dos quatro humores: o sangue, a linfa, a bîlis amarela e a bîlis negra. A melancolia seria causada pelo aumento da concentração da bîlis negra, dogrego melagkholía: “mélas, aina, na ‘negro’ + kholê, ês ‘bîlis’ “ (Houaiss). Seus sintomas incluíam tristeza, ansiedade e tendência para o suicídio. Na opinião de Hipócrates, as causas da melancolia combinavam factores ambientais e internos (Hipócrates apud Chaves, 2015, p. 87).

A melancolia, na visão de grega de Hipocrates, possui uma conotação negativa, pois indicaria um desequilíbrio que levaria à “tristeza, ansiedade e tendência para o suicídio”, conforme vemos na citação anterior. Por outro lado, segundo Chaves (2015), Aristóteles identifica a melancolia não só como um estado de adoecimento emocional, mas, quando em uma intensidade leve, teria aspectos positivos: “pode-se ver que, para Aristóteles, uma certa dose de humor melancólico determina a genialidade. Tais melancólicos seriam mais inteligentes e menos

excêntricos, superiores ao resto do mundo em várias atividades, na educação, nas artes ou na política” (Chaves, 2015, p. 88).

Significa que para Aristóteles, os indivíduos que tivessem uma melancolia leve não seria motivo de preocupação porque eles poderiam inclusive desenvolver certas habilidades e assim, vindo a se destacar de outras pessoas. Saindo-se bem em diferentes e relevantes áreas da vida social. No entanto, as concepções sobre a melancolia vão sofrer transformações no decorrer do tempo.

Na Idade Média, apesar da medicina de Galeno ainda ser dominante, o aumento do poder da Igreja Católica fez com que as ideias médicas entrassem em conflito com as religiosas. Assim, Solomon (2001) argumenta que o cristianismo foi especialmente ruim para os melancólicos, pois a melancolia significaria um afastamento de Deus. A vida deveria ser alegre, uma vez que a alegria era uma qualidade da santidade. A tristeza, entretanto, fruto da inspiração divina, conduziria à salvação e seria, por esse motivo, virtuosa. A melancolia estaria longe disso e era considerada uma doença especialmente nociva, porque o desespero do melancólico revelaria a ausência de alegria diante do conhecimento e da certeza do amor e da misericórdia divina (Solomon, 2001: 271). Assim, pode-se entender o tratamento dado à melancolia na Idade Média. Naquela época, auge do catolicismo, a melancolia era considerada uma doença da alma (Chaves, 2015, p. 88).

Na idade média, havia uma contradição entre ideias no campo da medicina e a visão cristã predominante porque, para o catolicismo naquela época, melancolia era doença da alma, revelava o afastamento ou a ausência da presença divina na vida da pessoa. Segundo eles, o divino estaria associado à alegria, então, os melancólicos por serem pessoas tristes não teriam oportunidade de aproximação com Deus, então, poderiam estar distantes da salvação. Diante desse aspecto, é importante entender o quanto essas concepções contribuíram para muitas percepções sociais mais contemporâneas sobre a depressão, em especial, nos estereótipos que envolvem essa temática.

Posteriormente, com o desenvolvimento da medicina ocidental esses fenômenos passam a ser pensados a partir de uma perspectiva mais biológica, orgânica. Além disso, certos acontecimentos históricos impulsionam o olhar sobre o que veio a se classificar como depressão. Chaves (2015) destaca as transformações no campo da psiquiatria e da ampliação do termo depressão após a segunda guerra mundial, quando o tratamento dos transtornos psiquiátricos é pensado a partir de psicofármacos:

Os neurolépticos provocaram, em 1952, transformações na clínica psiquiátrica e na neurobiologia. Nesse ano surgiu o primeiro medicamento antipsicótico, a Chlorpromazine, cuja descoberta se revelou importante para as futuras pesquisas de antidepressivos. Então, a psiquiatria ganha status de medicina, pois agora baliza-se na

neurociência, que dá crédito aos seus modelos clínicos. Segundo Ehrenberg (1998), após a descoberta dos antidepressivos, que ofereciam uma terapêutica eficaz para uma vasta gama de afecções, estas acabaram sendo agrupadas sob o nome de depressão (Chaves, 2015, p. 90).

Visto que os transtornos mentais clínicos devem ser tratados por meio de diversos recursos terapêuticos, um deles é a medicação, com antidepressivos, houve a necessidade de fazer pesquisas sobre a criação dos mesmos. E em 1952, surgiu o primeiro medicamento antipsicótico, como um alívio para quem tem um diagnóstico de depressão, atualmente, existem vários fármacos para combater os transtornos a fim de amenizar, moderar e acalmar algumas dores mentais.

A depressão é um transtorno de humor com diversas causas e efeitos na vida da pessoa, não confundível com a melancolia pois esta, conforme Chaves (2015) possui origens diferentes e está mais associada ao “desalento e ao medo”. É importante destacar que os temas relacionados à Saúde de modo geral e, em específicos, de Saúde Mental, são abordados de diferentes formas, de acordo com aspectos culturais dos povos e de como os adoecimentos, o sofrimento e as práticas de cura são entendidos em distintas visões de mundo.

Cada cultura transmite aos seus membros formas padronizadas de adoecer, de modelar o seu sofrimento na forma de uma entidade doença identificável, de explicar as suas causas, e de receber tratamento para a mesma. As explicações leigas para as condições recaem sobre as mesmas categorias etiológicas: comportamento individual e influências dos mundos natural, social e sobrenatural. Assim, as doenças mentais podem ser atribuídas à possessão espiritual, feitiçaria, violação de tabus religiosos, punição divina e rapto de alma do indivíduo por um espírito maléfico (Chaves, 2015, p. 123).

Sabendo que cada sociedade tem a sua cultura e um olhar diferente de cada situação, no caso de Angola, sobre a depressão ainda há várias estigmas, estereótipos e também interpretações que, por exemplo, dizem ser uma doença que foi passada de geração para geração como uma punição divina ou dos ancestrais e outros acreditam que é resultado de feitiçaria que a própria pessoa fez e não deu certo ou alguém o enfeitiçou. A existência de explicações que não se baseiam no discurso científico aponta para a complexidade dessa temática e a diversidade de saberes. Mesmo entre profissionais de saúde poderão existir definições bastante distintas e podem até carecer de maior aprofundamento conceitual, é o que mostra a pesquisa de Ferreira (2024). Já em relação às pessoas que vivenciam esse sofrimento:

Como refere Quartilho (2001: 17), “a perspectiva do doente tem muito a ver com a sua experiência subjectiva, com as suas interpretações particulares sobre a origem e o significado dos sintomas, no contexto da sua vida social”. Este autor, ao referir-se ao conceito e importância do “comportamento de doença”, acrescenta que esse conceito

pode associar uma confluência de variáveis biológicas, psicológicas, sociais, culturais e até mesmo espirituais (Chaves, 2015, p. 124).

A depressão para ser interpretada é necessário olhar para as experiências particulares de vida e ver os aspectos sociais, culturais, espirituais que podem ser fatores influenciadores do modo de entendimento do desequilíbrio emocional. Assim, podemos afirmar que circulam distintos discursos e saberes acerca da depressão. E, com o surgimento das mídias e das redes sociais digitais novas formas de divulgação e/ou de retratar essa questão se fazem presentes.

Na perspectiva contemporânea de saúde mental, o sofrimento emocional pode ser compreendido em uma perspectiva psicossocial na interação entre indivíduos e sociedade, através da articulação de aspectos orgânicos, sociohistóricos e culturais. Assim, precisa ser identificada e tratada, em nível pessoal e coletivo, para que não atinja níveis mais graves que consequentemente acabam afetando a qualidade da vida humana, podendo também culminar em suicídio.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), em consulta feita por mim no site dessa instituição, considera que:

a depressão é um transtorno comum, mas sério, que interfere na vida diária, capacidade de trabalhar, dormir, estudar, comer e aproveitar a vida. É causada por uma combinação de fatores genéticos, biológicos, ambientais.[...] Em todo o mundo, estima-se que mais de 300 milhões de pessoas, de todas idades, sofrem com esse transtorno, a depressão é a principal causa de incapacidade em todo mundo e contribui de forma importante para a carga global de doenças, mulheres são as mais afetadas que os homens.

Não existe uma causa única para a depressão, pois, surge da combinação de vários fatores biológicos, psicológicos e sociais, como mencionado acima. Os números de pessoas afetadas tendem a subir, então é necessário criar políticas públicas para atuar diante dessa demanda. A necessidade de políticas públicas em saúde mental resulta da multidimensionalidade na produção do sofrimento e na formas de prevenção e tratamento, pois, de acordo com a OMS (2023):

A depressão resulta de uma interação complexa de fatores sociais, psicológicos e biológicos. Pessoas que passaram por eventos adversos na vida (desemprego, luto, eventos traumáticos) têm maior probabilidade de desenvolver depressão. A depressão pode, por sua vez, levar a mais estresse e disfunção, agravando a situação de vida da pessoa afetada e a própria depressão (OMS, 2023).

Países com um nível baixo de vida, tendem a ter mais pessoas com transtornos mentais porque a falta de oportunidade principalmente para jovem que almejam trabalhar, entrar numa faculdade, ter casa própria num país de renda baixa, a realização desse desejo é extremamente

difícil, como resultado causam stress, ansiedade, frustrações que podem levar a desencadear em depressão. E essa é uma realidade no contexto angolano.

De modo mais amplo, a saúde mental das populações precisa ser entendida e suas práticas de prevenção e tratamento direcionadas, a partir de múltiplos aspectos que integram as experiências individuais e coletivas de sofrimento. Para evitar uma compreensão simplista desses fenômenos em Angola e em outros países, Chaves (2015) alerta que:

Cientistas sociais críticos acreditam que a falta de explicitação do contexto (fontes sociais, políticas e económicas da desigualdade) contribui para a leitura inadequada das realidades em que o sofrimento e a doença são produzidos. A omissão das origens sociais da dor e do sofrimento, em geral, resulta em alegações imodestas de causalidade, aumentando a tendência para a medicação dos problemas sociais e, por fim, leva à ampliação das desigualdades sociais. Na avaliação das condições relacionadas com as perturbações mentais e reacção às mesmas, é de crucial importância não só, salientar as narrativas das perturbações e o significado da experiência das mesmas, como também entender e actuar no contexto, isto é, nos determinantes sociais e políticos da saúde e do sofrimento humano, permanecendo consciente dos riscos e interesses particulares de determinada perspectiva e da diversidade cultural da cura e das reacções individuais e colectivas de enfrentamento (Chaves, 2015, p. 76).

A busca de tratamento é essencial, os aspectos sociais devem ser levados em consideração para resultados mais eficazes para o tratamento do paciente, porque cada um enfrenta uma realidade diferente do outro, o que funciona para alguns pode não funcionar para outros.

Desse modo, as questões de saúde mental, como a depressão, devem ser pensadas diante da dinâmica social e histórica de cada lugar. Dos acontecimentos e estruturas de poder presentes nos territórios e nas vidas das populações. Então, podemos também apontar a relevância das contribuições do psiquiatra Frantz Fanon, com atuação na Argélia durante o período de colonização francesa, sobre o tema da saúde mental em cenários de guerra:

os casos, as patologias e os distúrbios mentais são, por um lado, sintomas dessa guerra, seja de sua atmosfera e carácter permanente, ou de acontecimentos específicos. Sendo assim, não podem ser entendidos como anomalias, como anormalidades, vide o contexto em que brotam e tendem a expressar. Por outro lado, são também sinalizadores das incongruências destes indivíduos com a realidade em que se encontram circunscritos. Em um ser desumanizado e tolhido de ser tudo aquilo que poderia ser, a subjetividade e o corpo gritam; em um contexto e atmosfera de guerras, tornam-se ensurdecedores. O problema reside nas formas como (não) serão escutados – ao menos como deveriam. Nisso, Fanon empreende uma robusta crítica ao cabedal teórico-prático hegemônico da Psiquiatria e seu carácter ajustador, apassivante, em suma, colonizador. Sendo a Psiquiatria normativa e a colonização a norma, a primeira passaria a ser um dos braços e extensões da segunda (Costa, Mendes, 2020, p. 4).

Para Fanon, a guerra teve um impacto de forma negativa na psique das pessoas, causando distúrbios mentais. Havia uma contradição ou discrepância destes indivíduos com a realidade do

meio em que se encontravam inseridos. Ele também aponta a pouca escuta para o paciente como um problema no tratamento.

No subtópico sobre a depressão, um olhar multidimensional, vimos que a melancolia, na Grécia antiga era considerada como algo negativa, mas para Aristóteles, a melancolia na dosagem certa era positivo porque o indivíduo seria inteligente e se destacaria dos outros. A guerra é um fator que contribui negativamente na psique dos indivíduos que presenciaram. A seguir vamos falar como foi no caso da Angola no período pós-guerra.

4.2 Aspectos históricos e sociais sobre Angola e a incidência da depressão.

A partir da pesquisa de doutorado de Chaves (2015), podemos perceber aspectos sociais e históricos de Angola que são relevantes para o entendimento das questões de saúde mental e, mais especificamente, sobre a depressão nesse país.

- i. Os partidos políticos angolanos surgem num momento de muita agitação global e sobretudo africana, marcados pela independência que era o tema central da segunda guerra mundial;
- ii. O controlo de Angola estava dividido pelos três maiores grupos nacionalistas que descrevemos neste ponto do trabalho, nomeadamente o MPLA, UNITA e FNLA, pelo que a independência foi proclamada unilateralmente e em locais diferentes, pelos três movimentos;
- iii. Logo depois da declaração da independência iniciou-se a Guerra Civil Angolana entre os três movimentos, uma vez que a FNLA e, sobretudo, a UNITA não se conformaram nem com a sua derrota militar nem com a sua exclusão do sistema político. Esta guerra durou até 2002 e terminou com a morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi;
- iv. Esta guerra causou milhares de mortos e feridos e destruições de vulto em aldeias, cidades e infraestruturas (estradas, caminhos de ferro, pontes) e uma parte considerável da população rural, especialmente do Planalto Central e de algumas regiões do Leste, fugiu para as grandes cidades e países vizinhos (Chaves, 2015, p. X).

Angola, especificamente, a guerra civil em Angola de 1975-2002, MPLA, UNITA e FNLA, foram os três grandes grupos políticos que estavam em combate como resultado dessas disputas teve um pacto social, psíquico para alguns, verem seus familiares a serem mortos, perdas de bens e outros, contribuiu para um desequilíbrio para transtornos mentais como por exemplo a depressão, principalmente em zonas rurais que foram as mais afetadas pela guerra.

Considerando o estudo de Chaves (2015), observamos impactos da violência, desses períodos de guerra, na vida da população, quando o autor traz o relato de uma das participantes

entrevistas na pesquisa, das suas perdas diante dos deslocamentos forçados e das mortes em diferentes momentos da década de 70 até o ano 2000. Desse modo, Chaves (2015) aponta que a:

história de vida da entrevistada ilustra a frequência das atrocidades armadas a que a população da província da Huíla esteve sujeita desde 1974 até ao fim do conflito armado em 2002, bem como a condição de uma pessoa como deslocada de sua área de origem várias vezes e propensa a distúrbios psicológicos como ansiedade e depressão (Chaves, 2015, p. 05).

Huíla, é uma das províncias de Angola, que foi muito afetada pelos conflitos armados, várias pessoas deslocaram-se para outras regiões do país deixando muitas das vezes famílias, casas, suas lavras que eram utilizadas como meios de subsistência, tudo isso causa um desgaste emocional.

Ao entendermos as questões de saúde mental de um modo multidimensional e multicausal, os aspectos sociais e históricos precisam ser considerados em relação à produção do sofrimento individual e coletivo. Assim, o olhar de Chaves (2015) colabora para a compreensão dos impactos da violência sobre a população: “A guerra desestruturou as comunidades, deslocando contingentes importantes de pessoas para as capitais de alguns municípios, das províncias e do país, desorganizando famílias e esgarçando o tecido social” (Chaves, 2015, p. 5).

O deslocamento involuntário à procura de segurança, tranquilidade e fuga dos conflitos armados, infelizmente, causou a separação de muitos membros da mesma família. Sentiram-se obrigados a deixar as suas residências, municípios para as capitais.

As consequências deste longo conflito estendem-se muito mais além dos problemas económicos. Os impactos sobre os mecanismos de protecção dos menos válidos são expressivos. Para o caso da saúde mental, este quadro agravou-se, pois o número de pessoas acometidas de problemas psíquicos aumentou significativamente com a guerra, com a ocorrência de stress pós-traumático e outras perturbações mentais, facto que se revela na ocorrência de um número importante de pessoas com idade entre 30 e 50 anos acometidas de transtorno mental (Ventura, 2002: 26). (Chaves, 2015, p. 6).

A Pós-guerra em Angola, resultou em muitos casos de stress pós-traumáticos e perturbações mentais de indivíduos que presenciaram as guerras em Angola, por isso, as faixas etárias que mais tiveram ocorrência foram de 30 a 50 anos. Que foram afetados direta ou indiretamente.

De acordo com Chaves (2015), para o melhor entendimento das implicações entre violência, sofrimento e psicopatologias, é necessário um olhar que integre aspectos pessoais, mais particulares, e contextuais, históricos e culturais. Assim, na pesquisa sobre as consequências psicológicas da guerra em Angola, o referido autor busca refletir sobre essa

realidade de modo a articular as experiências pessoais considerando o contexto social em que se desenvolvem.

Para compreender os reais motivos dos sofrimentos psicológicos não basta ver fatores isolados, mas sim, observar vários contextos diferentes, sociais, culturais e históricos da experiência de cada indivíduo para obter um diagnóstico mais preciso.

Angola apresenta antecedentes que tiveram um forte impacto na saúde mental, nomeadamente a exposição às consequências da guerra, enquanto factor de risco. Mais recentemente outros elementos concorrem para o aumento das doenças do foro mental, como o abuso do álcool e de drogas, a violência doméstica e o stress da vida moderna, particularmente no meio urbano. A atenção a estes doentes é ainda muito limitada. Apenas no nível terciário de atenção são prestados alguns cuidados, o que dificulta o acesso de pessoas com perturbações mentais aos cuidados, nas suas comunidades, contribuindo ainda para o estigma e para a discriminação (Chaves, 2015, p. 148).

A guerra não é o único fator que contribui para as doenças mentais, atualmente há outros indicadores como violências domésticas e o uso excessivo de substâncias ilícitas. A falta de compreensão e o preconceito podem impedir que o indivíduo busque ajuda para tratar-se.

A alta demanda em saúde mental e os insuficientes serviços de saúde refletem o que Frantz Fanon aponta acerca dos efeitos do processo de colonização, as dificuldades da escuta desse sofrimento emocional em nível individual e coletivo. É o que Chaves (2015) também identifica diante dos dados de atendimento em psiquiatria entre os anos 2002 e 2011:

No hospital psiquiátrico de Luanda, antes de 2002, o atendimento, a nível das urgências, não ultrapassava 30 doentes por dia. No ano seguinte, o número subiu para 40 a 60 pacientes diários no Banco de Urgência (Jornal Agora, 2012). Os dados estatísticos entre 2008 e 2011 são assustadores: no primeiro ano, a Psiquiatria atendeu 4.073 pacientes no Banco de Urgência e 4.133 em consultas externas.[...] No ano de 2011, foram atendidos no Banco de Urgência 17.503 doentes e, em consultas externas, 6.243, tendo sido internados 1.816 enfermos (Chaves, 2015, p. 143-144).

Os dados estatísticos não mentem, eles mostram um quanto o assunto da depressão em Angola é pertinente e devem ser tomadas medidas assertivas no ponto de vista social porque os casos na psiquiatria de Luanda não param de aumentar. A Psiquiatria de Luanda tem um papel importante, auxiliando na integração social do paciente, facilitando o acesso a recursos e direitos, e promovendo a conscientização sobre a importância do apoio familiar.

Em estudo sobre transtorno de stress pós-traumático (PTSD), ansiedade e depressão nas zonas rurais e urbanas em Angola, de Margarida Ventura e Jorge Chaves, publicado em 2019, aponta para necessidade um olhar interdisciplinar sobre a relação entre saúde mental, territórios e violência.

O problema da traumatização PTSD, da ansiedade generalizada e da depressão na população angolana é um assunto quer da sociedade quer da saúde pública que deve mover todos os atores do processo da reconstrução, reconciliação e reintegração nacional, se quisermos ter Angola como um país do futuro. Passados 17 anos desde que se instalou a paz em Angola, ainda se encontram sequelas psicológicas (Ventura, Chaves, 2019, p. 53).

As sequelas psicológicas por causa da guerra, ainda são muito visíveis mesmo depois de passaram vários anos, já em tempo de paz e reconciliação nacional há necessidade de ter políticas públicas para solucionar e dar uma resposta a esse sofrimento emocional que muito aflige a sociedade angolana. Um país não avança quando há vários casos significativos de indivíduos com transtornos mentais.

podemos verificar que, enquanto o grau de traumatização é semelhante nas zonas rural e urbana, existem diferenças quanto à ansiedade e à depressão nessas duas zonas. Assim, a ansiedade moderada é bastante mais elevada na zona rural do que na urbana (94,6% e 76,6% respetivamente), sendo a ansiedade alta mais elevada na zona urbana do que na rural (17,4% e 3,4% respetivamente). Quanto à depressão, a prevalência de diagnóstico de depressão é mais elevada no meio urbano do que no rural (42% e 36% respetivamente).

Nas zonas urbanas e rurais, os dados estatísticos revelou que os efeitos pós-guerras são diferentes, porque as duas zonas o nível de pessoas traumatizadas são quase os mesmos, mas em regiões rurais há maior número de pessoas com ansiedade leve, diferente as regiões urbanas que o nível de depressão é elevado em relação a ao rural.

Uma explicação para os resultados encontrados poderá ser que a paz em Angola já dura há mais de dez anos, pelo que tanto na zona urbana como na rural as pessoas encontraram estabilidade social e, por isso, interiorizaram os acontecimentos traumáticos como pertencentes ao passado, estando os traumas resolvidos ou em remissão parcial. O mesmo não acontece com a ansiedade e a depressão, uma vez que as dificuldades económico-sociais vividas pelas pessoas aumentaram em tempo de paz, com agravamento do fosso existente entre os ricos e os pobres e um aumento da ansiedade na zona rural, onde as dificuldades económico-sociais são maiores. Contrariamente, a ocorrência de depressão é maior na zona urbana do que na rural, pois nesta última ainda prevalecem valores comunitários de solidariedade entre as pessoas, o que já é mais raro na zona urbana (Ventura, Chaves, 2019, p. 55).

Em época de paz como consequência dos conflitos armados, nas regiões rurais apesar de serem as mais afetadas apresentam mais dificuldades económicas, mas ainda existe o espírito de solidariedade e partilhas, por isso o nível de ansiedade é maior em relação a depressão e isto é o oposto das zonas urbanas.

Considerando as dificuldades sociais e económicas na incidência da depressão, conforme o estudo de Ventura e Chaves (2019), buscamos refletir sobre esses aspectos apontados no Índice

de Desenvolvimento Humano (IDH) divulgado no site do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - Pnud².

O IDH é uma medida resumida para avaliar o progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: uma vida longa e saudável, acesso ao conhecimento e um padrão de vida decente. O valor do IDH de Angola para 2023 é de 0,616 — o que coloca o país na categoria de desenvolvimento humano Médio — posicionando-o em 148º lugar entre 193 países e territórios. Entre 1999 e 2023, o valor do IDH de Angola passou de 0,379 para 0,616, uma variação de 62,5 %. Entre 1999 e 2023, a expectativa de vida ao nascer em Angola aumentou 18,81 anos, a expectativa de anos de escolaridade aumentou 7,77 anos e a média de anos de escolaridade aumentou 2,57 anos. O RNB per capita de Angola aumentou cerca de 39,8 % entre 1999 e 2023.

A desigualdade social como um fator relacionado à saúde mental é importante para a reflexão em países como Brasil, Angola e outros que passaram por processos de colonização em sua história. Assim, o IHDI é o “IDH ajustado pela desigualdade” existente entre as pessoas nas três dimensões abordadas - educação, saúde e renda. Segundo o Pnud (2023), na ausência de desigualdade na população o IHDI é igual ao IDH, mas havendo desigualdade no país, o IHDI tem valor menor que o IDH.

O IHDI ajusta o IDH à desigualdade na distribuição de cada dimensão pela população. A "perda" em desenvolvimento humano devido à desigualdade é dada pela diferença entre o IDH e o IHDI. À medida que a desigualdade em um país aumenta, a perda em desenvolvimento humano também aumenta. A perda de Angola devido à desigualdade é de 41,56 %, o que reduz o IDH para 0,360 em 2023 (Pnud, 2023).

Antes de averiguar os resultados, é primordial ver as causas, no caso da depressão, a desigualdade social também é apontada como uma das causas para que aflige a saúde mental, países com muita desigualdades tendem a ter altos níveis de transtornos mentais. Sem esquecer que a colonização contribui para essas desigualdades nas suas ex-colônias.

No subtópico dos aspectos históricos e sociais sobre Angola e a incidência da depressão, deu para perceber que os conflitos armados tiveram vários impactos negativos e foi um dos fatores principais para o desencadeamento de maiores números de pessoas sofrendo com transtornos mentais principalmente, nas zonas rurais que foram as mais afetadas. Além da guerra, estudos mostraram que os abusos excessivos de substâncias ilícitas, violências domésticas, também têm contribuído atualmente para os transtornos mentais.

² Link do site: <https://hdr.undp.org/data-center/specific-country-data#/countries/AGO>.

4.3 As Redes Sociais Digitais em Angola e a Depressão

O estudo de Flávia de Almeida Moura e Ed Wilson Ferreira Araújo, no campo da Comunicação Social, teve sua metodologia desenvolvida em 2018, sobre as práticas comunicativas em três províncias do sul de Angola traz elementos importantes sobre a presença de redes sociais digitais no país, em meio às demais formas de comunicação de massa ou tradicionais.

a televisão é um veículo de massa consolidado no país, pelo menos quando se trata da região metropolitana de Luanda. Segundo estudo realizado pela empresa Marktest (2015) na Grande Luanda (região metropolitana), 98% das pessoas têm acesso à televisão e 76% leem jornais e revistas. A TPA é o canal mais visto, com 88% da audiência; e a TV Zimbo apresentou 69% da audiência dos telespectadores nesta pesquisa. Foram entrevistadas 5.000 pessoas na Grande Luanda e 50% da amostra informaram que também tem acesso à internet, sendo o Facebook o site mais visitado (Moura, Araújo, 2021, p. 56).

Os dados acima de 2015, às cinco mil pessoas entrevistadas (5.000), responderam que assistem televisão, os canais mais assistidos são TPA e TVZimbo que fazem parte dos canais oficiais de informação de Angola, mas apesar de verem tv, a internet não é deixada à parte porque também serve como meios de informações.

Moura e Araújo (2021) relatam em seu artigo a coexistência de práticas de comunicação diversas, entre as quais, nesse período, aparece uma rede social digital, com limitações por não reproduzir conteúdos de multimídia. A presença, ainda que inicial, de mídias digitais nas socializações cotidianas, sobretudo, entre jovens.

o caso da presença do arauto, pessoa escolhida pela comunidade para dar avisos de casa em casa sobre algum assunto de interesse coletivo; e do soba, autoridade tradicional da aldeia, responsável pelas principais decisões coletivas e uma espécie de ‘tribunal tradicional’, juntamente com a presença de redes sociais digitais, como o caso do facebook zero, uma forma de acesso ao facebook sem a necessidade de pagamento a redes de internet (Moura, Araújo, 2021, p. 57).

As redes sociais digitais fazem parte do cotidiano da sociedade angolana, o facebook zero é um dos meios mais utilizado por não existir a necessidade de carregar os dados móveis da internet. Na pesquisa de Niembo Maria Daniel e Damião de Almeida Manuel, em trabalho publicado em 2022, com título “Consequência da Desinformação na Vida da População: o papel da imprensa em Angola”, já se percebe as redes sociais digitais como parte das práticas comunicativas, de socialização, sobretudo, entre jovens, com presença no comportamento político eleitoral e diante dos desafios relativos à qualidade das informações compartilhadas.

Tratando-se da imprensa angolana, a qualidade das informações que são transmitidas à população nos últimos tempos é questionável. Ao mesmo tempo observa-se que a população tem buscado por informações em outros canais como, por exemplo, nas redes sociais, para contrapor àquela disseminada pela imprensa. Por outro lado, nesse ambiente há muita desinformação e notícias falsas circulando. Nesse contexto, apresenta-se a seguinte questão de pesquisa: qual tem sido o papel da imprensa angolana no combate à desinformação? (Daniel, Manuel, 2022, p. 3).

As imprensas nacionais, na visão da população, promovem muitos conteúdos questionáveis, para suprir essa lacuna, os jovens angolanos têm recorrido às mídias digitais em busca de conteúdos informativos “verídicos” para estarem a par dos acontecimentos do país. Apesar das redes sociais digitais serem também muito suscetíveis à disseminação de fake news e desinformação. Ressaltamos também sobre as redes sociais digitais que muitas pesquisas atualmente apontam que o seu uso excessivo pode produzir efeitos na socialização das pessoas, na exposição a situações de violência e até questões de saúde mental.

Já no trabalho de Júlio Carlos, publicado em 2024, na área da Sociologia, percebe-se uma presença maior das redes sociais digitais no contexto estudado, os bairros Forno e Tchimucua da Bibala. O estudo descritivo intitulado “Impacto das redes sociais sobre o papel dos ondjangos na regulamentação social” indica uma presença maior das mídias digitais nas socializações cotidianas, inclusive, com o surgimento de questões conflituosas.

Os conflitos de gerações estão se escalando sendo que se está a originar falta de respeito aos mais velhos, perda da identidade cultural, desvalorização do Ondjangos e uma supervalorização dos mídias, já que as fontes educacionais passam a ser as redes sociais, remetendo os jovens a trancarem-se em seus aposentos quase o dia todo assistir séries e filmes e outros agarrados aos telemóveis usando facebook, WhatsApp, tik tokers e outras redes sociais e muitas vezes só a observar futilidades (Carlos, 2024, p. 7).

Segundo o estudo realizado por Carlos, mostrou que as mídias sociais trouxe uma realidade diferente entre os jovens e os mais velhos porque ao invés de ouvirem os conhecimentos que são passados pelos mais velhos, os jovens preferem estarem entretidos nas mídias passando mais tempo lá, assistindo ou navegando nas redes sociais digitais, causando assim, conflitos de gerações.

Outro estudo que aborda sobre as redes sociais digitais em Angola é o de Gilson Lázaro, publicado em 2024, com a temática “Dinâmicas dos movimentos juvenis: protestos nas ruas e contestações nas redes sociais em Angola”. Nele, o autor destaca o papel das redes sociais na socialização, sobretudo entre jovens, na produção e divulgação de informações, de mobilização e debate político.

pretendemos dar conta de uma outra vertente do espaço de intervenção dos grupos de jovens contestatários. Este, é a concretização do alargamento da esfera pública com o surgimento das redes sociais, com maior destaque para o *Facebook*, enquanto recurso de comunicação relativamente mais económico e popular nos centros urbanos (Tsandzana 2020). De facto, as acções de contestação exercidas pelos movimentos de jovens angolanos estão intimamente relacionadas com as redes sociais, enquanto canal de mobilização e divulgação desses actos. As redes sociais são o elo de ligação entre os jovens manifestantes e o público mais geral, a sociedade. As redes sociais, enquanto campo de mobilização dos jovens, caracterizam-se através de perfis dos principais protagonistas dos protestos, publicação de mensagens, cartazes, debates acesos sobre temas políticos nesses espaços, marcação de acções colectivas; partilha de vídeos e de imagens sobre as acções levadas a cabo pelos jovens. As redes sociais, com destaque para o *Facebook* e também o *Youtube*, são espaços para a recolha de informações e canais de obtenção de conteúdos vários. Isso significa que alguns desses jovens encontram e usam as redes sociais para o exercício de uma espécie de *activismo digital* (Pleyers 2013; Tsandzana 2020) e como canais de informação sobre o país e sobre o que outros jovens pensam do país e da situação política.

As redes sociais em Angola, principalmente, o facebook que é mais económica e de fácil acesso, passou a ser usada como um meio de comunicação para contestações políticas, debates, mobilizações e os jovens têm ela como um lugar para buscar mais informações reais e atuais, a tempo e hora. Em relação aos dados sobre o acesso a internet em Angola, temos informações relevantes no relatório Digital 2025 Angola, publicado em 03 de março de 2025, elaborado por Simon Kemp e apoiado pelas instituições Meltwater e We Are Social.

No momento da produção do relatório, os últimos dados disponíveis indicavam que havia 17,2 milhões de usuários de internet em Angola em janeiro de 2025. Isso significa que a taxa de penetração da internet em Angola era de 44,8% da população total no início do ano [...] Dados publicados nos recursos de publicidade da Meta indicam que o facebook tinha 5,10 milhões de utilizadores em Angola no início de 2025 [...] O alcance de anúncios do facebook em Angola era equivalente a 13,3% da população total no início de 2025. [...] No início de 2025, 42,2% da audiência publicitária do facebook em Angola era feminina, enquanto 57,8% era do sexo masculino (Digital 2025 Angola).

Os dados apresentados apontam que quase metade da população angolana são usuários da internet, mas vimos que a maior parte ou percentagem populacional não utilizam a internet ou seja, estão offline. Entretanto, é perceptível que o uso de redes sociais digitais possui uma presença que, em alguma medida, produz efeitos na socialização e no modo como acontecimentos e temáticas sociais são retratadas e significadas.

As pesquisas acima nos fazem refletir sobre o que John B. Thompson (2008) aborda em relação à visibilidade de um lugar, de um grupo, de um acontecimento ou de uma temática, com o surgimento e desenvolvimento dos meios de comunicação, passa a ser descolada do espaço e tempo das interações diretas. É uma visibilidade mediada “pode fazer-se visível para outras pessoas através da gravação e transmissão para os que não se encontram presentes fisicamente no

lugar e no momento do ocorrido” (Thompson, 2008, p. 21). É o que observamos nos estudos mencionados sobre Angola, nos quais os meios de comunicação e as mídias digitais trazem transformações nas socializações e nos modos de compreensão da realidade.

A “nova visibilidade” dos temas sociais, humanos, descrita por esse autor está vinculada às possibilidades das mídias comunicacionais, inclusive, com a articulação de diferentes linguagens: visual, oral e escrita. Conforme o alcance das tecnologias da comunicação e da informação empregadas, mudanças nas práticas, nas relações e nas percepções sociais ocorrem.

Nessa nova forma de visibilidade mediada, o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias. Ela é moldada também pelo fato de que, na maioria das mídias comunicacionais, a visualidade não é uma dimensão sensória isolada, mas vem geralmente acompanhada pela palavra falada ou escrita – trata-se do áudio-visual ou do textual-visual (Thompson, 2008, p. 21).

Com as mídias digitais, segundo Thompson (2018) as visibilidades são frutos de interações mediadas online nas quais há múltiplos discursos e sujeitos participantes na produção e na recepção. Esse aspecto pode provocar a visibilidade também de outros sujeitos sociais ou significados acerca da realidade.

O nascimento da internet e de outras tecnologias digitais amplificou a importância das novas formas de visibilidade criadas pela mídia e, ao mesmo tempo, tornou-as mais complexas. Elas aumentaram o fluxo de conteúdo audiovisual nas redes de comunicação e permitiram que um número maior de indivíduos criasse e disseminasse esse tipo de conteúdo. Além disso, dada a natureza da internet, é muito mais difícil controlar o fluxo de conteúdo simbólico dentro dela (Thompson, 2008, p. 23).

Temáticas sociais, acontecimentos ou experiências vividas têm sua visibilidade mediada inserida em novas características resultantes das mídias digitais e de suas relações de poder. De acordo com Thompson (2018):

Os indivíduos, as ações e os eventos agora estão visíveis de maneiras que eles simplesmente não estavam no passado, e qualquer pessoa com um smartphone tem a capacidade de tornar as coisas visíveis para centenas ou até milhões de pessoas de formas que antes não eram possíveis. É claro que nem todos se valem dessa capacidade e nem todos – ou todas as organizações – têm o mesmo poder para tornar uma imagem ou vídeo visível para os outros: como todos os processos sociais, a capacidade de tornar visível e em qual amplitude algo pode ser tornado visível ou mantido oculto, disponibilizado ou removido da vista, depende do poder e dos recursos que os indivíduos e as organizações têm à sua disposição (Thompson, 2018, p. 35).

Atualmente, com a internet, as informações são mais expostas, maior número de pessoas têm acesso e conseguem visualizar, diferente do passado, que os acontecimentos eram mais

restritos para pouco público. Com um só clique milhares de pessoas podem visualizar um conteúdo digital.

Desse modo, a depressão, enquanto temática humana e social, possui uma visibilidade mediada também de modo online, as mídias digitais passam então a contribuir na produção e divulgação de experiências, de informações, de discursos, de estereótipos os mais distintos possíveis.

No facebook, encontrei algumas publicações que falam sobre depressão, o caso que chamou-me bastante atenção foi do portal Viana em movimento, uma página que tem como objetivo informar aos angolanos e não só, sobre o que acontece em Viana que é um dos maiores municípios de Luanda. Publicou no princípio deste ano 2025, uma matéria que fala sobre a carta aberta de um jovem angolano, que horas antes de cometer o suicídio por causa da depressão que enfrentava desde 2020.

Ele escreveu que já não aguentava mais continuar lutar pela própria vida, estava cansado de olhar-se até mesmo no espelho porque sentia que já não era mesma pessoa, tinha sentimentos de inutilidade e sentia que já não tinha mais nada para dar às pessoas que ele mais amava, neste caso, mãe e a sua filha.

O outro caso, foi publicado no mês de Maio na página de informações Angola 24 Horas, no facebook de um jovem de aproximadamente 28 anos que pôs fim a sua própria vida, nas suas redes sociais, ele publicou disse que o peso que carregava é maior, as dores eram tão profundas, sentia-se sem esperança e pediu desculpas aos familiares.

A depressão está presente na sociedade angolana, a fim de ser evitada o suicídio que alguns vejam como uma forma de sair da depressão e livrar-se de todos sofrimentos emocionais causados por ela. Há necessidade da criação de políticas públicas que abranjam todo o país, mais conscientização sobre a depressão para as pessoas saberem o que fazer e quando passarem por essas situações, buscarem ajuda dos profissionais de saúde.

5 METODOLOGIA

A abordagem metodológica desta pesquisa, de caráter exploratório, que será utilizada é a qualitativa, porque essa temática está ligada à experiência humanas e de como os sujeitos as percebem. Além disso, devido a complexibilidade e a flexibilidade do tema será mais viável esse método já que ela tem diferentes significados como:

A expressão "pesquisa qualitativa" assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (Maanen, 1979 apud Neves, 1996, p. 1).

A definição do corpus a ser estudado será selecionado com base nos objetivos de pesquisa, na relevância e acessibilidade, incluindo vídeos, matérias jornalísticas, publicações feitas na rede social facebook no intervalo de tempo estabelecido. As informações identificadas serão analisadas à luz de teorias psicológicas e sociais relevantes, utilizando categorias analíticas estipuladas com base na literatura revisada.

A seguir usarei o método de pesquisa Netnográfica, desenvolvido por Robert Kozinets em 1990. Com ela vou poder analisar as interações dos indivíduos angolanos nos espaços virtuais, especificamente, nas páginas do facebook do Jornal OPAÍS, Foco Saúde, Portal Viana e Angola 24h que nelas foram identificadas, neste momento de elaboração do projeto, matérias jornalísticas, de domínio público, que abordam sobre o tema depressão e que serão ponto de partida para a futura netnografia. Além das páginas mencionadas, que possuem milhares de seguidores e visualizações, poderão ser analisadas outras páginas do facebook, a serem inseridas na pesquisa conforme o desenvolvimento da netnografia.

Para conduzir essa pesquisa qualitativa, utilizarei também o método de pesquisa hermenêutica de profundidade, que, “ segundo Thompson: “[...] resumidamente, é o estudo da construção significativa e da contextualização social das formas simbólicas”(Thompson, 1998 apud Veronese, Guareschi, 2006, p. 88). Focando em análise formal ou discursiva e em uma interpretação de conteúdos digitais no facebook no intervalo de 2019-2025, que abordem sobre depressão a fim de compreender se há estereótipos em relação à depressão em Angola presentes nesses conteúdos digitais.

A hermenêutica de profundidade tem três etapas distintas definidas por Thompson que são: Análise sócio-histórica que pode ser feita por: situações espaço-temporais, campo de interação, instituições sociais e estrutura social. A seguir é a análise formal ou discursiva e nesta utilizarei a análise temática. E por fim tem a terceira etapa que é interpretação ou reinterpretação para identificação de aspectos ideológicos mais sutis.

Ao realizar a análise sócio-histórica, reconstruímos as condições sociais de produção, circulação e recepção das formas simbólicas, que, afinal, não se produzem num vácuo. Procuramos resgatar as situações no espaço e no tempo, ao enfocar os campos de interação, as instituições sociais e a estrutura social, identificando as assimetrias na distribuição de poder e recursos e abordando temas como classe, trabalho, gênero, etnia, geopolítica, entre outros. Ao analisar as instituições sociais, por exemplo, precisaremos reconstruir o conjunto de regras que as constituem e sustentam e, assim, verificar como as formas simbólicas se produzem e como são recebidas naquele ambiente específico, para depois podermos argumentar de modo fundamentado sobre suas implicações (Veronese, Guareschi, 2006, p. 88).

As técnicas empregadas para a produção de informações, incluirá análise de materiais publicados na rede social digital angolana, foco facebook e observar, de modo inicial as páginas do Jornal OPAÍS, Foco Saúde Portal Viana e Angola 24h, que são abertas para o público, posteriormente, fazer uma observação das experiências sociais e interações que são visibilizadas junto ao tema da depressão.

Na fase da análise formal, parte-se do pressuposto de que os objetos e expressões que circulam nos campos sociais, através dos quais se dão as relações, são formas simbólicas, construções complexas que apresentam uma estrutura articulada (sejam elas textos, falas, imagens paradas ou em movimento, ações, práticas etc). Que padrões de relações estão contidos nas formas simbólicas e em sua relação com o contexto sócio histórico? Essa fase é de fundamental importância, pois estaremos examinando as formas simbólicas na perspectiva da sua estrutura interna (por exemplo: análise semiótica para uma imagem, análise narrativa ou de conteúdo para um texto e assim por diante). Estaremos relacionando-a, sempre, com as condições de sua produção ou do seu contexto sócio-histórico, mas é importante um momento de desconstrução dos elementos internos constitutivos da forma simbólica. Existem dezenas de tipos de análises formais; só de análise de discurso há mais de 50 tipos, conforme referem Bauer e Gaskell (2002 apud Veronese, Guareschi, 2006, p. 89).

Vai ser benéfico levar em consideração a análise formal, visto que no projeto de pesquisa um dos objetivos específicos é descrever os conteúdos relacionados à depressão em Angolaneses conteúdos do facebook, com essa análise formal vou conseguir ter os resultados almejados.

A fase de re-interpretação. Essa construção criativa é, segundo Thompson, um impulso à compreensão do mundo social e à construção de saberes que possuam um potencial crítico, de sentido emancipatório. Essa fase se dá-se a partir da análise formal, mas distingue-se dela, uma vez que essa última procede por análise: desconstrói, quebra, divide, visando ampliar o conhecimento sobre as formas simbólicas— o cerco

epistemológico –, focando sua estrutura interna. Já na re-interpretação, procede-se por síntese, integrando o conteúdo das formas simbólicas à análise do contexto de sua produção. Trata-se de uma explicação interpretativa, plausível e bem fundamentada – daí a necessidade de um referencial teórico consistente – do fenômeno investigado (Veronese, Guareschi, 2006, p. 89).

Depois de cumprir as duas etapas da hermenêutica de profundidade, análise sócio-histórica e a análise formal, a última etapa é relevante para o meu projeto de pesquisa porque depois de fazer as coletas dos conteúdos das redes sociais digitais, será necessário fazer uma reinterpretação para chegar a uma conclusão acerca da depressão no contexto angolano e como é abordada nas redes sociais e ver se há possíveis estereótipos presente.

Serão, portanto, duas metodologias qualitativas, a netnográfica e a hermenêutica de profundidade que vão ajudar-me a alcançar os meus objetivos de pesquisa.

6 CRONOGRAMA

ACTIVIDADES	Jul/2025	Ago/2025	Set/2025	Out/2025	Nov/2025
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	X				
NETNOGRAFIA NAS PÁGINAS DO FACEBOOK	x	X			
ETAPAS DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE		X	X		
CONFECCÃO DO RELATÓRIO DE PESQUISA				X	X
DEFESA DA PESQUISA					X

REFERÊNCIAS

- CHAVES, Jorge Manuel de Sousa. **Consequências psicológicas da guerra em Angola**. 2015.
- MATA FERREIRA, Isabel Nahary. **Abordagem da depressão e da ansiedade por médicos da clínica Multiperfil em Luanda**. 2024.
- MOURA, Flávia de Almeida; ARAÚJO, Ed Wilson Ferreira. Práticas comunicativas, mídias e tecnologias: estudos cruzados entre Brasil e Angola. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 44, p. 47-62, 2021.
- DANIEL, Niembo Maria; DE ALMEIDA MANUEL, Damião. Consequências da desinformação na vida da população: o papel de impressão em Angola. **Revista EDIIC**, v. 2, n. 3, 2022.
- THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **Matrizes**, v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008.
- LÁZARO, Gilson. Dinâmicas dos movimentos juvenis: protestos nas ruas e contestações nas redes sociais em Angola. **Africa Development**, v. 49, n. 3, p. 137-166, 2024.
- CARLOS, Júlio. Impacto das redes sociais sobre o papel dos ondjangos na regulamentação social: Impact of social networks on the role of ondjangos in social regulation/Impacto de las redes sociales en el papel de los ondjangos en la regulación social. **Revista Angolana de Ciências**, v. 6, n. 2, p. e060207-e060207, 2024.
- VENTURA, Margarida; CHAVES, Jorge. Saúde mental: um estudo sobre transtorno de stress pós-traumático, ansiedade e depressão nas zonas rurais e urbanas do Sul de Angola. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 21, n. 2, p. 51-57, 2019.
- COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. Colonização, guerra e saúde mental: Fanon, Martín-Baró e as implicações para a psicologia brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 36, p. e 36 sp 14, 2020.
- SCHWIKOWSKI, Martina. **A luta contra a depressão e o suicídio em África** – DW – 24 jun.2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/a-luta-contr-a-depressão-e-o-suicídio-em-áfrica/a-4916619>. Acesso em: 03 mar.2025.
- C/J.**Angola registou três mil mortes por suicídio nos últimos quatro anos**- 11 set.2024. Disponível em: <https://www.namiradocrime.inf/show/12054>. Facebook Acesso em: 17 mar.2025.
- VIANA EM MOVIMENTO. **Jovem faz um post minutos antes de tirar a sua própria vida, alegadamente por sofrer uma depressão desde 2020**- 06 abr.2025. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=586341311101191&set=a.112905175111476>. Acesso em: 06 abr.2025.
- DIGITAL 2025. **Angola**. 3 mar. 2025. Disponível em: Digital 2025: Angola — DataReportal – Global Digital Insights. Acesso em: 27 mai. 2025.
- ANGOLA 24 HORAS. 21 mai. 2025. Disponível em: (8) Facebook Acesso em: 20 mai. 2025.

RODRIGUES, Venâncio. **Estudo feito em Luanda indica doenças mentais afetam principalmente mulheres**- 27 fev.2025. Disponível em: <https://www.voaportugues.com/a/estudo-feito-em-luanda-indica-que-doen%C3%A7as-mentais-afetam-principalment e-mulheres-/7990465.html> . Acesso em: 12 mai.2025.

FARIA, Stélvia. **Mais 200 mil sofrem de doenças mentais em Angola associados às drogas**- 26 ago.2024. Disponível em: <https://www.opais.ao/manchete/mais-de-200-mil-pessoas-sofrem-de-doencas-mentais-em-angola-associadas-as-drogas/> **Facebook**. Acesso em: 02 mai.2025.

FRANCISCO, Huberto. **Angola regista mais de 300 mil pessoas com transtornos mentais em quatro anos**- 11 out.2024. Disponível em: Foco Saúde - A Saúde começa com informação Angola regista mais de 300 mil pessoas com transtornos mentais em quatro anos . Acesso em: 23 abr. 2025.

OPAS/OMS. **Depressão**.2023. Disponível em: Depressão - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde . Acesso em: 07 mai. 2025.